

Práticas de oralidade, leitura e escrita: possibilidades e desafios no processo pedagógico a educandos em privação de liberdade.

PARRA, Ivoneide Aparecida¹
ivoneide@seed.pr.gov.br

RESUMO

Este trabalho consiste em uma abordagem sobre a prática discursiva desenvolvida com adolescentes entre 12 e 17 anos que se encontram cumprindo medida socioeducativa, no CENSE I – Centro de Socioeducação, Londrina. A intenção é refletir sobre a linguagem: a dificuldade de compreendê-la e utilizá-la nas situações cotidianas. Procura abarcar como os jovens, matriculados em escolas públicas, mais especificamente da periferia de Londrina, afastam-se do ambiente escolar ao se deparar com os processos de oralidade, de leitura e de escrita. O que ficou evidenciado é o abandono escolar desses jovens; a grande maioria, nos 6º e 7º anos. O estudo foi realizado com as letras de raps, de autoria ou não dos educandos. As letras de raps são cantadas, compreendidas e admiradas por jovens moradores de comunidades populares, excluídos social e pedagogicamente. O rap é um gênero textual que lhes agrada, pois aparece como uma voz, um instrumento de denúncia para essa demanda de excluídos. O resultado esclareceu que a exclusão escolar provocada pela problemática relação oralidade/leitura/escrita e aluno da escola pública, mais especificamente da periferia, pode ser vencida, quando se desperta nesses jovens a conscientização de que tanto a leitura quanto a escrita faz parte da realidade de cada um e, a linguagem se apresenta como uma poderosa força de informação, denúncia e conscientização. Com este propósito, o estudo realizado permeia um caminho em busca da superação da dificuldade apresentada e a sensibilização para o retorno e permanência no processo educativo.

PALAVRAS - CHAVE: prática discursiva; exclusão escolar; educandos em privação de liberdade.

¹ Professora da rede Pública Estadual do Paraná; especialista em Letras – SESNI (RJ); especialista EJA – PROEJA – UTFPR (PR).

1. Introdução

Refletir sobre o processo pedagógico para adolescentes em privação de liberdade e excluídos do ambiente escolar, requer do professor o desenvolvimento de ações que proporcionem o acesso ao conhecimento, valorizando a autonomia e a formação humana. Busca-se com isso, despertá-los para o retorno e permanência no processo educativo. A maioria dos jovens e adultos privados de liberdade é oriunda de comunidades cuja população é de baixa renda e a educação encontra-se em lugar secundário nas preocupações diárias dessas pessoas. Outras necessidades básicas como saúde, alimentação, moradia, ou seja, uma forma para a sobrevivência está em primeiro plano (MAYER, 2006).

O perfil de educando atendido no estabelecimento de Socioeducação, conforme Julião (2007) reflete parte de sociedade que não tem acesso aos bens culturais, econômicos e benefícios sociais. Os adolescentes que participaram da atividade desenvolvida foram excluídos do processo educativo assim que ingressaram o 6º e o 7º anos, e um quadro menor de educandos desistentes ou reprovados nos 8º e 9º anos. Esta realidade corrobora com a entrada destes no mercado ilícito: furto, roubo e tráfico de drogas.

Diante do exposto, observa-se que há um fracasso generalizado das Instituições, no que diz respeito à garantia dos direitos à conclusão da Educação Básica para esses adolescentes.

Ao ingressar num Centro de Socioeducação – PR, para o cumprimento de medida socioeducativa de internação, esse jovem, acima de 14 anos, é matriculado na Educação de Jovens e Adultos, e ao retornar ao convívio em sociedade, deve continuar seus estudos num CEEBJA - Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos. Mas a matrícula nesta modalidade, não significa que este adolescente irá concluir seus estudos. Está-se diante de uma demanda de educandos que já tivera uma experiência educacional anterior, na Educação Básica em idade considerada apropriada à série, ou, até mesmo, na Educação de Jovens e Adultos e não conseguiu concluir seus estudos. Logo, por acreditarem que a educação não é tão importante assim e se julgarem incapazes de aprender, esses jovens desistem facilmente do processo educativo.

Desta forma, questiona-se: por que esses adolescentes acreditam que a

educação não é importante para sua formação? Por que a escola não tem sido atraente para esses jovens?

Para Bauman (1998), uma sociedade que valoriza o prazer do consumo imediato, torna o sujeito desinteressado no que diz respeito aos avanços que o processo educativo pode lhe proporcionar, já que os resultados obtidos por intermédio da escolarização não são a curto prazo e nem mesmo garantidos numa sociedade desigual.

Neste sentido, a prática da sala de aula precisa estar centrada em atividades que despertem o interesse, que estabeleçam uma relação com a motivação para aprender e permanecer na escola. O ambiente educativo deve ser um local onde o aluno possa expressar suas emoções, sentir-se seguro e confiante num espaço acolhedor, de desenvolvimento e participação.

Ao iniciar atividades de Língua Portuguesa com esses educandos, apóia-se nos gêneros discursivos, como forma de se trabalhar com o texto que lhe é familiar, que está presente no seu cotidiano social. Isto é, o ensino da Língua que possibilita a aprendizagem dos conteúdos básicos inseridos em contextos sociais significativos, para esses educandos, tornando-os usuários da Língua, ajudando-os a “fazer comparações, generalizações, abstrações, enfim, raciocinar de forma global buscando a compreensão e a significação de textos” (ROLINDO; SOUZA, 2008, p. 76).

Para tanto, as atividades foram elaboradas e pensadas no contexto em que esses educandos estão inseridos, para que a definição dos conteúdos a serem trabalhados atenda aos critérios que provoquem a apropriação do conhecimento e a ampliação do horizonte social.

Sob esta perspectiva, o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa visa aprimorar os conhecimentos linguísticos e discursivos dos alunos, para que eles possam compreender os discursos que os cercam e terem condições de interagir com esses discursos (PARANÁ, 2008, p. 50).

Ao iniciar uma atividade de linguagem com o texto, tem se claro a rejeição do aluno por esse tipo de atividade. Para ele, a culpa da não compreensão ou da dificuldade de apreensão se da, única e exclusivamente, a sua incapacidade de

desenvolver tais habilidades. No entanto, ao perceber que os mesmos jovens com dificuldades na leitura e na escrita acadêmica, são capazes de articular o oral e o escrito, cuja fala é ritmada e rimada e, ainda, compreender e refletir, as condições econômicas, sociais e culturais, isto é, informações presentes nas letras de rap, vieram as indagações: por que a recusa com o texto estudado na sala de aula? Por que esses jovens acreditam que são incapazes de ler, compreender e produzir um texto? Quais recursos e encaminhamentos metodológicos fazem parte do cotidiano escolar para que esses educandos recusem os saberes escolares?

O senso comum estabelece a “verdade” amparada no discurso da “falta de pré-requisito, na aprovação sem conhecimento”. A inserção da escola na vida desses jovens vai ficando cada vez mais distante. Sobre isto, Gore (1994, p. 17) argumenta a necessidade de “Olhar outra vez para os mecanismos de “verdade” de nossos próprios e cultivados discursos, examinar aquilo que faz com que sejamos o que somos, tudo isso abre possibilidades de mudança”.

A análise educacional tida como verdadeira, nos espaços de onde esses educandos foram excluídos, não pensa em recolocá-los no processo de construção do conhecimento. Portanto, não há o que fazer? Como é possível incluir esses jovens no processo ensino-aprendizagem?

Fica instaurado o quadro a crise: os velhos modelos nos quais as instituições tinham um lugar socialmente definido já não correspondem à realidade. O trabalho não oferece mais um tipo de regulação da sociedade, a escola não cumpre a função de moralização e mobilidade social, e novos modelos ainda não estão delineados (DAYRELL, 2005, p. 24).

Assim, para o desenvolvimento da prática da oralidade, da leitura e da escrita na escola pública, entendendo a língua como “fenômeno social da interação verbal” Bakhtin/Volochinov, (1999, p. 123) é fundamental compreender e possibilitar caminhos para a renovação do processo educativo, na perspectiva do reconhecimento do papel do sujeito na sociedade. Este estudo aponta para importância de se ampliar a discussão para o ensino da Língua que reflita a aprendizagem desses adolescentes na perspectiva da compreensão das experiências e necessidades dessa demanda.

O uso da leitura e da escrita com autonomia é a possibilidade que a escola

tem diante dos jovens pobres, das camadas populares de não encaminhá-los para o fracasso, mas de incluí-los na vida social e educativa numa perspectiva de exercício da cidadania. Cabe destacar, que ao não se apropriar do processo de leitura e de escrita, esses educandos estarão fadados ao insucesso, já que este é requisito básico, imprescindível para compreensão de tantos outros conteúdos necessários à apropriação dos saberes escolares.

O desenvolvimento de atividades escolares sobre a linguagem, ainda, em “alguns contextos” Paraná (2008, p. 48) está apoiado num conhecimento com conceitos, representações e regras gramaticais, o que gera um desinteresse desse jovem pelo estudo da Língua. Depreende-se, portanto, a necessidade de se conhecer melhor o aluno, conseguir motivá-lo para a produção e levá-lo a acreditar na potencialidade da sua aprendizagem em relação a leituras importantes para o seu desenvolvimento escolar e pessoal.

Busca-se, assim, traçar um caminho para o estudo da Língua que “considere os aspectos sociais e históricos em que o sujeito está inserido [...]” Paraná (2008, p. 49). Para tanto, partiu-se de estudos realizados com as letras de rap, as quais expressam a força conscientizadora e questionadora das condições econômicas, sociais, bem como do universo cultural desses jovens.

O estilo RAP estimula o jovem a refletir sobre si mesmo, sobre seu lugar social, contribuindo para a ressignificação das identidades do jovem como pobre e negro. Ao mesmo tempo, ele cria uma forma própria de o jovem intervir na sociedade, por meio das suas práticas culturais, (DAYRELL, 2005, p. 61).

Ao fazer referência a esse estilo de poesia oral é necessário compreendê-la, como também compreender seu objetivo na comunicação e informação nas esferas de circulação. O Rap, significado para Ritmo e Poesia, é considerado um dos elementos que compõe a cultura Hip – Hop; esta um movimento cultural que surge nos Estados Unidos no fim da década de 60, com forte influência do movimento musical jamaicano, o reggae. A cultura Hip – Hop compreende o break (dança), o grafite (desenho) e o rap (poesia oral); O rap, segundo Bentes (2005) é o resultado da poesia ritmada que articula a linguagem verbal e a musical, desencadeando uma série de informações a respeito do contexto social daqueles que estão desprovidos

de seus direitos mais básicos de sobrevivência.

Para a população afrodescendente e pobre oriunda da periferia, o rap é a possibilidade de sair da invisibilidade, sendo esses relatos, a voz que discursa a história dos indivíduos excluídos da sociedade. Segundo Pinto e Biazio (2006), invisibilidade causada pela discriminação, pela sua condição de pobreza, de baixa escolaridade, sem acesso a empregos que não estejam relacionados à força física, enfim, a baixaestima devido às condições acima citadas e outras que os colocam não como pessoas de direito, mas sim como seres sem identidade.

O movimento cultural hip-hop, por intermédio da temática discutida nas letras de rap, propaga a desigualdade vivida por essas pessoas, proporcionando pertencimento a um grupo, a uma comunidade.

Ao se apresentar como a voz que tem por função denunciar as mazelas sociais existentes na periferia, essas letras cantam o preconceito e a violência existente no cotidiano dessa juventude. Os relatos traduzem a realidade desses educandos: a falta de perspectiva num futuro diferente do momento presente; a pobreza; a violência escolar, policial, doméstica, entre tantas outras.

O rap tornou-se, então, a voz para denunciar a “opressão, a tensão e as contradições do cenário urbano moderno” (BERGAMINE; FERNANDES, 2006 p. 5).

A educação ao procurar a qualidade do processo educativo, acreditando que é preciso estar todos no mesmo nível de conhecimento, acaba por desconhecer o educando que tem diante de si, sua realidade, suas necessidades, suas habilidades. E, assim, fechada em si mesma, não consegue incluí-los num processo pedagógico coerente, reconhecendo particularidades (PINTO; BIAZZIO, 2006).

2. Educandos em privação de liberdade e a exclusão escolar

A exclusão escolar desses jovens assim que ingressam o Ensino Fundamental, anos finais, segundo os pesquisados, acontece principalmente pela falta de entendimento destes com o que os professores desejam nas atividades solicitadas. Para esses alunos a leitura e a escrita são atividades desmotivadoras da aprendizagem. É um processo cansativo, leituras complexas e abstratas, não reconhecedora das realidades vivenciadas por esses adolescentes.

Ao desenvolver atividades pedagógicas em Língua Portuguesa, com os

educandos que se encontram cumprindo medida socioeducativa, no CENSE I – Londrina, matriculados na Educação Básica, modalidade, EJA (Educação de Jovens e Adultos), constatou-se a falta de domínio da prática discursiva.

Ao serem incluídos nas atividades escolares, é realizado um diagnóstico sobre os níveis de compreensão de leitura e de escrita desses educandos. Para este estudo, foi analisado o nível de compreensão de leitura, bem como os motivos de exclusão do processo pedagógico com 30 educandos internados.

Alguns encontram-se no nível básico da leitura: localizam apenas informações explícitas em textos curtos e médios. Outros pesquisados decodificam as palavras, compreendem frases em textos curtos, anúncios. Apenas os que se encontram nos últimos anos do Ensino Fundamental (8º, 9º), aproximam-se do domínio da compreensão ao localizar mais de um item de informação em textos considerados médios, identificando, inclusive, informações implícitas.

2.1 Níveis de compreensão de leitura – Educandos entre 14 e 17 anos;

Leitura	%
Localiza as informações explícitas em textos narrativos curtos e médios.	63,3
Localiza as informações implícitas em textos curtos e médios.	16,6
Localiza uma informação simples em enunciados de uma só frase, ou anúncio.	93,3
Localiza mais de um item de informação, bem como identifica as implícitas em textos médios.	10

Nesta análise, verificou-se que, segundo os percentuais apresentados, esses educandos encontram-se em grande dificuldade em relação ao estudo da linguagem. Nos relatos, em sala, esses jovens reforçam a concepção de que os saberes escolares são, para eles, inacessíveis.

Esses adolescentes são usuários da Língua, provocam a interação verbal e constroem sentidos nos textos que se apresentam significativos para sua vivência.

No entanto, ao se depararem com as atividades textuais apresentadas em sala de aula, mostram-se desinteressados e sem compreensão dos mesmos. Não interagem e não demonstram conhecimento de mundo.

[...] esses jovens, mesmo sem o saber escolar, possuem seus próprios saberes, pois são sujeitos que amam e sofrem, pensam a respeito de suas condições de vida, procurando melhorá-las, ou seja, o conhecimento não é algo estritamente escolar (PINTO; BIAZZIO, 2006, p. 8).

Desta forma, constata-se que o processo pedagógico não tem se preocupado em desenvolver o processo ensino/aprendizagem considerando as realidades, viabilizando o acesso à cultura escrita e oral aos que se encontram no espaço escolar. De acordo com Dayrell (2005, p. 122):

Esses jovens são exatamente os menos contemplados pela escola. A maioria foi excluída da escola nos mais variados estágios e, grande parte, antes de contemplar o ensino fundamental, com trajetória marcada por repetências, evasões esporádicas e retornos, até a exclusão definitiva.

2.2. Justificativas para ausência no cotidiano pedagógico – educandos entre 14 e 17 anos

Leitura	%
Não entendia o enunciado do exercício solicitado pelo professor	73,3
Não compreendia as informações apresentadas pelo texto, achando a interpretação uma atividade muito difícil.	83,3
Acredita que não sabe ler em voz alta, por isso não gosta de se expor.	76,6
Acha a leitura de narrativas uma bobagem, não serve para nada	40

Destaca-se que esses educandos sofreram um processo de exclusão no Ensino Fundamental – séries finais de escolas públicas de diferentes bairros da periferia de Londrina. Os relatos abaixo indicam as formas de exclusão que ocorre, todos os anos, nessas escolas:

“Eu entrei na 5ª série e a professora de ciência mandava ler, toda aula eu tinha que ler uns nome bem difícil, aí a sala ria e professora falava que como eu tava ali se nem sabia ler, então desisti.”

(Educando matriculado no CENSE I – Londrina).

“Uma vez a professora mandou fazer uma história, mas eu não sabia como escrever, ela falou que tinha que ter 35 linhas. Eu só escrevi 15, não sabia mais, aí toda vez que tinha que escrever história a minha era bem feia, daí ela chamou minha mãe e falou pra ela que não sabia português, que eu ia reprovar se continuasse daquele jeito e falou que eu era muito preguiçoso, daí eu apanhei e comecei a matar aula dela, daí reprovei por falta. Falei para minha mãe que não queria mais estudar, que ia trabalhar e ajudar ela nos alimento de casa. Nunca mais voltei pra escola”.

(Educando matriculado no CENSE I – Londrina).

“Sempre na escola a professora mandava ler e depois escrever resposta do texto que nós tinha lido. Eu achava muito ruim fazê isso e também achava as história muito boba. Tinha cachorro e lobo que falava, nunca vi isso. Aí um dia falei pra professora que era muito boba as história dela, que aquilo nem existia, ela me mandou pra fora e falou que era mal aluno. Depois toda vez que tinha aula dela eu não gostava, porque ela falava que minhas resposta tava tudo errada, reprovei 4 vezes na 5ª série e aí eu desisti, e hoje to aqui no CENSE I e tem escola pra nois. É bom estudar, eu acho”.

(Educando matriculado no CENSE I – Londrina).

A falta de habilidade aos conteúdos já citados acaba por impedir que esses jovens possam ter acesso à aprendizagem e dominá-la ao longo do processo de escolarização.

Ao problematizar o insucesso do educando no processo de ensino da linguagem, é possível pensar que as atividades desenvolvidas ainda se apresentam com textos infantilizados, sem relação com o contexto dessa demanda, sem a preocupação de sensibilizá-los para o estudo da Língua que provoque à articulação entre o conhecimento acadêmico e sua realidade.

Neste encaminhamento, é importante pensar em: quais leituras são apresentadas em sala de aula? Qual leitura é significativa para esses educandos? Os textos apresentados provocam a leitura de mundo? Que objeto de estudo deverá

estar inserido no cotidiano escolar, a fim de sensibilizá-los à prática da leitura, da oralidade e da escrita? Existe possibilidade de organizar as atividades da sala de aula com textos que refletem o cotidiano desses alunos?

Esses jovens não encontram sentido em permanecer numa sala cujo conteúdo esteja mais relacionado ao estudo da Língua marcado por metodologia tradicional, em teorias estruturalistas. Em seus estudos Dayrell (2005, p. 122), constata: “Por intermédio da música, experimentam a possibilidade de uma atividade com sentido e não querem aceitar a sujeição às alternativas que lhe são postas”.

A busca da aprendizagem significativa da leitura e da escrita precisa estar centrada em situações de vida nas quais esses alunos estão inseridos, ou seja, o desenvolvimento da leitura e da escrita que visa refletir suas experiências de vida a partir do seu cotidiano. Portanto, outra indagação: é possível, por intermédio do rap, o ensino da Língua que permita a construção do conhecimento, sem ser tomado por um sentido negativo, ineficiente?

“Professora, eu queria que chegasse essa aula, pra fazê aquela atividade de entendê o que as letra das músicas querem dizer.”

(Educando matriculado no CENSE I – Londrina).

Ao discutir a recusa do adolescente diante de um texto para o desenvolvimento da oralidade, da leitura e da produção, é necessário pensar num ensino da linguagem que vislumbre uma perspectiva de evolução. “A qualificação e a capacitação contínua dos leitores ao longo das séries escolares colocam-se como uma garantia de acesso ao saber sistematizado, aos conteúdos do conhecimento que a escola tem de tornar disponíveis aos estudantes” (SILVA, 2002, p. 22).

Entende-se, aqui, que o rap pode amenizar a distância que há entre o processo ensino/aprendizagem e o educando que está na sala de aula das escolas públicas. Ao desvelar realidades, este texto posiciona o educador sobre quem é o educando que está a sua frente. Da mesma forma, o educando em contato com o texto que tem uma função social, que o torna visível e reconhecido enquanto sujeito e sociedade, além de ser agradável, torna-se significativo para sua aprendizagem.

Um novo olhar, sob o viés da narrativa oral e escrita, faz-se necessário sobre os sujeitos leitores e autores de textos que habitam o espaço escolar. Segundo Dayrell (2005), a escola pode ser um espaço de discussão, de formação humana e

de socialização dos saberes construídos nas experiências reais dessa juventude, possibilitando a criação, reconhecendo e valorizando a produção realizada pelos alunos.

O gosto pelas letras de rap, por esses alunos, não deve estar associado, no ambiente escolar, ao preconceito, à discriminação. Este gênero musical não deve estar vinculado apenas à marginalidade. O referido gênero deveria ser usado como um meio de expressão, um recurso de linguagem para apropriação do conhecimento. Evidencia-se a necessidade de um encaminhamento de estratégias que possa contribuir para o ensino da Língua que vá ao encontro de um procedimento mais democrático, mais participativo, menos autoritário.

3. Desenvolvimento das atividades com os alunos

A relevância e a pertinência dos textos e conteúdos selecionados para a aprendizagem foram definidas analisando o perfil do educando matriculado, bem como o conhecimento empírico que este possui.

Ao definir o trabalho com o rap, foi acordado com os educandos quais letras estariam presentes, conforme justificativa e objetivos apresentados. Das músicas selecionadas não foram objeto de estudo as que incentivam a criminalidade. O objeto de investigação foi a poesia oral presente nos raps e sua função de problematização de crenças, valores e atitudes de indivíduos e comunidades (BERGAMINI; FERNANDES, 2006).

As atividades foram apoiadas em situações que visavam possibilitar aos alunos a utilização da oralidade e da escrita; da capacidade de refletir, fazer pesquisas, escolhas, discussões, análises e produções textuais (PARANÁ, 2008).

Ao iniciar a proposta, primeiramente, fez-se um reconhecimento sobre o contexto cultural e o surgimento do rap no cenário universal e nacional. Discussão sobre a finalidade, o papel do rap como um dos elementos da cultura Hip – Hop, sendo a voz que discursa a história dos indivíduos que buscam uma representação nas relações sociais.

Em seguida, houve a audição e a reflexão sobre as letras de rap de grupos locais, que denunciam um quadro social desolador de uma juventude que não tem

acesso à saúde, lazer, segurança, habitação e educação pública de qualidade.

Foi apresentado, aos educandos, um vídeo de rap, do grupo nacional Racionais MC's, escolhido pelos adolescentes, já que o referido grupo é considerado a sensação entre esses jovens. Foram analisadas algumas músicas, bem como o ritmo e a performance do grupo, na intenção de colocar os alunos em contato com a realidade retratada nas letras, a fim de que pudessem refletir sobre o processo de construção do sujeito, suas escolhas e oportunidades. A poesia oral presente nas letras analisadas destacaram a função do elemento conscientizador e transformador dos raps (BERGAMINI; FERNANDES, 2006).

Com o intuito de fazê-los conhecer e admirar outras leituras, nesta etapa, poesias de autores consagrados da literatura brasileira foram apreciadas, analisadas, comparadas, como também a Música Popular Brasileira.

Por último, a composição coletiva e/ou individual de raps que retratam a trajetória vivida por esses adolescentes.

Um portfólio com as poesias produzidas pelos educandos foi exposto na Unidade e em encontros pedagógicos para a apreciação de terceiros, provocando a integração, o intercâmbio, o conhecimento das produções dos alunos pela comunidade, possibilitando, assim, a visibilidade, o reconhecimento. As poesias produzidas pelos educandos/autores possibilitaram melhor entendimento sobre os sujeitos com os quais a escola trabalha.

4. Narrativa poética – produção e análise

Para o processo de aprendizagem da Língua reafirma-se a necessidade de interação, de diálogo, do sentido construído por outras leituras, por inferências e associações. À perspectiva de poder falar, de saber ouvir: condições necessárias para que o espaço pedagógico seja democrático de fato. “É devolvendo o direito à palavra – e na nossa sociedade isto inclui a palavra escrita – que talvez possamos um dia ler a história contida e não contada, da grande maioria que hoje ocupa os bancos das escolas públicas” Geraldi (apud, PARANÁ, 2008, p. 38).

A proposta de se estudar os temas presente nas letras de raps, indica a

necessidade de se entender melhor o objeto de estudo e os sujeitos com os quais a escola convive. Sujeitos em sua maioria pobres, que tem ao seu redor um contexto de violência, sem “[...] alternativa a não ser levar uma vida empobrecida não só de recursos materiais, mas, principalmente, de recursos que os capacitem a enfrentar as transformações pelas quais a sociedade vem passando” (DAYRELL, 2005, p. 123).

As produções desses adolescentes apresentam preocupações reais do cotidiano rodeado pela pobreza, sem acesso aos bens materiais e culturais.

É possível afirmar que ao se deparar com o processo de oralidade, de leitura e de escrita, impostos no ambiente escolar, sem que se estabeleça uma relação com a realidade cotidiana, este torna-se, uma ação sem sentido, ficando o processo educativo ineficiente para a vida que se apresenta. Pimentel, (2004, p. 1) relata como é o perfil da grande maioria dos jovens que chega às salas de aula das escolas públicas, nas regiões periféricas:

“gente pobre, com empregos mal remunerados, baixa escolaridade, pele escura. Jovens pelas ruas, desocupados, abandonaram a escola por não verem o porquê de aprender sobre democracia e liberdade se vivem apanhando da polícia e sendo discriminados no mercado de trabalho. Ruas sujas e abandonadas, poucos espaços para o lazer. Alguns revoltados ou acovardados, partem para a violência, o crime, o álcool, as drogas; muitos buscam na religião a esperança para suportar o dia-a-dia; outros ouvem música, dançam, desenham nas paredes...”

Em versos criativos, esses jovens vão apresentando o, seu drama cotidiano, seu contexto de sobrevivência:

*“Para a violência ter um fim,
Os governantes precisam
Olhar para mim,
Sou adolescente infrator
Representante da favela
Lugar onde existe a luz de vela
O conforto não chegou na periferia
Uma vida melhor, eu gostaria
Para mim e a periferia”
(Educando – CENSE I – Londrina)*

Ao analisar a estrofe produzida pelo educando, percebe-se o anseio coletivo para a transformação na vida de quem se encontra na criminalidade. A cobrança parte de uma consciência da voz cidadã, a transformação não somente para si, mas para todos os que estão ou poderão encontrar-se nessas condições. Neste sentido, o individual implica também o coletivo. O educando, nos quatro últimos versos, aponta para um drama vivido no dia a dia das pessoas invisíveis, nas suas necessidades mais elementares para sobrevivência. Em Mussalim (2001), a compreensão do discurso está na relação de sentidos com o contexto sócio-histórico de produção.

Os adolescentes apreciam este tipo de narrativa, pois nela se reconhecem suas vidas, ali, são retratadas. Utilizar-se desse recurso, pode ser um dos encaminhamentos para o educador conhecer seu aluno e, assim, ensiná-lo da maneira como conseguirá aprender, sem sacrifício e sem recusa.

Na estrofe abaixo, autor vale-se do seu canto, para ser a voz que denuncia a insatisfação de quem vive na periferia:

*“Sempre quis uma vida de qualidade na periferia,
Mas nesse mundo cheio de armadilha
Eu acreditava que o único jeito de sobreviver
Era o mundo do crime
Mas hoje, não,
A paz mostra a solução
Para minha família e a periferia”
(Educando – CENSE I – Londrina)*

Ao refletir sobre o texto, deve-se vinculá-lo ao contexto de produção. Narrado em primeira pessoa, percebe-se que se posta num diálogo entre quem diz e para quem se diz. A intencionalidade presente na poesia demonstrou um sujeito que faz uso da linguagem de maneira consciente, com intuito de atingir seus objetivos. Os versos ecoam as expectativas e esperanças de paz num mundo cujos sujeitos envolvidos estão rodeados de conflitos, marcados pela violência. Neste fragmento o autor deseja atingir o receptor, para que este se reconheça nos seus versos. A voz anuncia a violência presente na periferia, impedindo, assim, uma convivência harmônica. O que impõe uma rotina cruel, segundo o autor, é a figura simbolizada

por um comando que estabelece relações de poder nessas comunidades: dá as ordens, determina os dizeres, controla o espaço, escolhe os corpos de permanência. Na concepção de Orlandi (2001, p. 84-85), [...] “o que não é dito, o que é silenciado constitui igualmente o sentido do que é dito. As palavras se acompanham de silêncio e são elas mesmas atravessadas de silêncio”. Para se cumprir o desejo da qualidade de vida na periferia, é preciso que a criminalidade não se ocupe mais desse universo.

Outro fragmento de um rap escrito durante as aulas:

*“Penso na minha vida, penso no meu destino
Sei que aqui dentro o meu tempo é sofrido
Hoje narro a minha história de sofredor
Peço perdão ao meu pai, por lhe causar essa dor
Então eu choro e digo,
Pai, esse é o meu recado
“Que Deus perdoe todos os meus pecados”
(Educando – CENSE I – Londrina)*

O adolescente reflete sua condição de privação de liberdade e o arrependimento, a culpabilização o faz reportar-se àquele que alicerçou sua formação. A prática religiosa está presente ao registrar o arrependimento, com o intuito de merecer o perdão. O tempo de reclusão o faz refletir sobre a moral cristã; a voz indica os padrões sociais estabelecidos. Ao se levar em consideração o lugar de onde o sujeito enuncia e as regras de formação às quais esses discursos obedecem, identifica-se a formação discursiva religiosa. Perdão; pedir perdão ao pai, genitor; e ser perdoado por Deus, figura divina. A fé, o arrependimento e o perdão impulsionam-no a ter esperança. O autor carrega em seus versos a angústia que vive; o respeito e o apreço à família, na figura do pai, são cantados, também, na sua narrativa. O autor, busca a interação com o outro, a voz dialoga com o pai. O dialogismo de Bakhtin está presente em seus versos; a palavra procede de alguém e é dirigida a alguém, tornando-se, assim, um produto de interação, completa-se no dizer do outro (BAKHTIN, 2000).

Outra estrofe de uma narrativa poética cuja voz não quer se calar diante dos problemas sociais existentes.

*“Fico triste só de pensar
Várias pessoas sem ter onde morar
Terrenos sendo invadidos
Várias pessoas vivendo no lixo
É embaçado pra quem não tem moradia
Enquanto os ricos ficam nas suas casinhas
Vendo as notícias pela televisão
Centenas de pessoas fazendo invasão”*
(Educando - CENSE I – Londrina).

O discurso presente se reporta a um grave problema social, existente, principalmente, nas grandes cidades brasileiras: habitação. Em seus versos o autor explicita sua compreensão de mundo e de sociedade; sociedade capitalista e desigual, sem preocupação com os que se encontram em situações menos favorecidas. Seu apelo é para que o outro se reconheça no seu discurso. Nos três últimos versos, canta a indignação, a revolta diante das injustiças sociais. Neste diálogo de reconhecimento, de apelo à conscientização sobre o cotidiano de negação aos direitos sociais é que o rap ampara a palavra, buscando a interação do contar e cantar o cotidiano marginalizado (BERGAMINE; FERNANDES, 2006).

Esses adolescentes encontraram na poesia oral, no rap, a única forma se fazer compreender à sociedade. É por intermédio do discurso oral que expressam seus conflitos, suas alegrias, suas necessidades, sua identidade, aquilo que acreditam e, principalmente, expressam o desejo de visibilidade da qual surge à esperança para a transformação.

Para Silva,

[...] a prática da leitura é um princípio de cidadania, ou seja, o leitor cidadão, pelas diferentes práticas de leitura, pode ficar sabendo quais são suas obrigações e também pode defender os seus direitos, além de ficar aberto às conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e feliz (2005, p. 24).

O ensino da linguagem desenvolvido por atividades gramaticais ou aspectos formais do texto, para esses jovens pouco escolarizados, acabam se tornando uma atividade que propicia a exclusão escolar. Ao considerar o ensino da Língua que contemple o texto como produto de interação verbal, esses adolescentes terão mais

oportunidades de permanecer no espaço escolar, pois serão destacados “os aspectos sociais e históricos em que o sujeito está inserido” (PARANÁ, 2008, p. 49).

O depoimento, abaixo, revela a satisfação do educando:

“Olha professora, depois que escrevi o Rap e a senhora mostrou pros outros, agora eles me tratam é... inteligente, até um educador falou que minha rima ficou da hora”.

(Educando do CENSE I – Londrina).

O reconhecimento de outros grupos leva a transformação, ao pertencimento. Para este adolescente o rap o coloca como sujeito social.

As idéias postuladas pelos autores dos raps evidenciam como se estabelecem as relações vivenciadas por esses adolescentes, na família, na comunidade. Sobre tais considerações, Dayrell (1992, p. 2), explicita:

São as relações sociais que verdadeiramente educam, isto é, formam, produzem os indivíduos em suas realidades singulares e mais profundas. Nenhum indivíduo nasce homem. Portanto, a educação tem um sentido mais amplo, é o processo de produção de homens num determinado momento histórico.

Para os jovens que estão nas salas de aula, o texto precisa fazê-los perceber a mobilidade social, que tem como base a inclusão; possibilitar a leitura de uma nova realidade, a realidade presente nas relações vividas por essa demanda. Os conflitos, as tensões diárias que os *rappers* expressam em suas canções são as condições em que se encontram nos espaços vividos, incluindo o espaço escolar.

Há, nessas narrativas, a esperança de transformação da realidade, uma leitura crítica de mundo é verbalizada, no desejo de entendimento marcado pela exclusão. As informações remetem o leitor a uma história de ausência de políticas públicas eficazes, face às necessidades das camadas populares. As denúncias evidenciam a revolta, a carência coletiva. Segundo Dayrell (2005), a poesia oral se apresenta como forte instrumento que propaga à sociedade como é a vida de jovens com pouco ou quase sem recursos econômicos. A música é o que lhes proporciona sonhar. “Um sonho que, independentemente das possibilidades da sua realização, dá um sentido ao cotidiano deles”(DAYRELL, 2005, p. 123).

5. O rap e a inclusão pedagógica

O tema abordado nas letras tem como objetivo denunciar as condições de sobrevivência imposta à população de baixa renda, os versos contados/cantados por esses adolescentes almejam a inclusão, a ascensão social. “Ao começar do nível mais elementar de relações com o poder, a linguagem constitui o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder” (GNERRE, 1998, p. 22).

Por intermédio da pesquisa realizada com este gênero do discurso, nota-se que este pode ser um elemento motivador para as diversas maneiras de se ensinar a prática discursiva, estabelecendo uma relação de significado, de comunicação, informação e troca de saberes, possibilitando, assim, a construção do conhecimento.

Ao remeter a atividade pedagógica à narrativa poética, neste particular, o rap, que expressa o universo cultural do educando, no qual ele se percebe e pode inferir seu saber empírico, esta torna-se, portanto, um instrumento eficiente de aprendizagem.

Conforme foi dito, o rap apresenta uma leitura crítica da realidade, seus autores relatam a forma de vida das comunidades populares, apropriam-se de histórias que possam estabelecer um juízo de valor, uma relação de poder. Segundo Koch e Elias (2009, p. 10):

À luz de uma concepção sociocognitiva e interacional da linguagem, o texto é visto como o próprio lugar da interação verbal e os interlocutores, como sujeitos ativos empenhados dialogicamente na produção de sentidos.

Desta forma, estamos diante de uma voz que tem consciência da palavra que emite, para quem a emite, e o que deseja alcançar. Logo, não estamos diante de um educando ingênuo, apesar da pouca escolaridade, seu discurso não é neutro. Por conseguinte, não pode ser ingênuo o processo pedagógico, nem seus educadores ao tentar fazer com que esses jovens estudem um conteúdo que não seja significativo para sua vivência.

A poesia oral, trabalhada nas aulas de Língua Portuguesa por intermédio do rap, possibilita a incorporação de valores que estão postos nas comunidades de onde esses educandos são oriundos.

Ao realizar uma leitura que provoca a compreensão dos problemas sociais existentes, permite-se o acesso à leitura crítica determinada pela escolarização. O conhecimento de si, das pessoas e do entorno onde vive e a expressão de um estado emocional presente nessas leituras, exprimem um anseio não apenas individual, mas coletivo. E isto, sem dúvida, os direciona a um novo olhar em relação ao conhecimento sistematizado. Um olhar para o que é preciso aprender e como aplicar o aprendido.

Nesta linha de raciocínio, problematiza-se o ensino da Língua que acumula informações e, portanto, vai excluindo aqueles que não se adéquam a esta postura pedagógica massificadora, muitas vezes, sem compreensão da sua utilidade. A este respeito Dayrell (2001, p. 139):

Dessa forma, o processo de ensino/aprendizagem ocorre numa homogeneidade de ritmos, estratégias e propostas educativas para todos, independente da origem social, da idade, das experiências vivenciadas. É comum e aparentemente óbvio os professores ministrarem uma aula com os mesmos conteúdos, mesmos recursos e ritmos para turmas de quinta série, por exemplo, de uma escola particular do centro, de uma escola pública diurna, na periferia, ou de uma escola noturna. A diversidade real dos alunos é reduzida a diferenças apreendidas na ótica da cognição (bom ou mau aluno, esforçado ou preguiçoso, etc..) ou na do comportamento (bom ou mau aluno, obediente ou rebelde, disciplinado ou indisciplinado, etc...). A prática escolar, nessa lógica, desconsidera a totalidade das dimensões humanas dos sujeitos - alunos, professores e funcionários - que dela participam.

Nesta perspectiva, vale ressaltar que esses educandos estão habituados a um cotidiano laborativo ou a uma convivência em suas comunidades que exigem um esforço pequeno ou quase nada das atividades intelectuais, sendo estas restritas apenas aos momentos em que se encontram no ambiente escolar. Por conseguinte, este esforço precisa estar amparado numa ação que seja de seu interesse e que os mobilizem para outras conquistas. As letras de rap produzidas pelos alunos são significativas, planejadas e elaboradas. Expressam nas linhas e entrelinhas toda capacidade de “mobilização de um vasto conjunto de saberes de ordem

sociocognitiva, cultural, histórica, de todo o contexto, enfim, como também - e sobre tudo – a sua reconstrução no momento de interação” (KOCH; ELIAS, 2009, p. 10).

Considerações finais

Discutiu-se, neste estudo, indagações que permeiam a escola pública como a inclusão de educandos adolescentes que fora do espaço pedagógico, aproximam-se da criminalidade, uma vez que esta lhe proporciona melhor condição econômica, status, e, conseqüentemente, reconhecimento.

No processo de intervenção realizado, encontrou-se na poesia oral, o rap, uma estratégia pedagógica que pode ser efetivada com possibilidade para a mudança no quadro de desistência e abandono que se apresenta nas escolas públicas, mais precisamente, nos 6º e 7º anos, caracterizado pela dificuldade do domínio da prática da oralidade, da leitura e da escrita.

Procurou-se ao desenvolver a proposta que ampara este artigo, identificar e compreender questionamentos que se revelaram em sala, com o intuito da transformação, a fim de garantir o acesso à escola e ao aprendizado aos sujeitos leitores e produtores de textos.

Ao significar as letras de raps, produzidas pelos educandos em privação de liberdade, evidenciou-se a idéia de construção coletiva. Observou-se que a escola, para essa demanda, passa a ter outro significado, quando estabelece o diálogo, a participação. Neste contexto, as ações realizadas em sala provocam reconhecimento ao aluno, considerando-o um autor de textos. Sendo assim, esse espaço oportunizará a produção e divulgação de ideias e saberes.

Uma nova estratégia de integração em relação ao ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa é o que se pretende com esta reflexão. Um possível encaminhamento de ensino que torne as aulas mais dinâmicas, que possibilite a identificação e compreensão do educando presente no espaço escolar, que é seu por direito.

As letras de rap comparadas a outras músicas e a outras poesias do contexto literário nacional provocaram a intertextualidade e contribuíram para o conhecimento e a sensibilização de outras narrativas poéticas que poderão fazer parte do universo

cultural dessa juventude, abrindo e ampliando horizontes.

As leituras, análises e reflexões mostraram que as denúncias presentes nessas letras estão muito além da apologia ao crime. Observa-se um texto crítico que denuncia e que informa como sobrevivem milhares de pessoas que estão à margem, desprovidas das condições básicas para viver com dignidade.

O referente estudo revelou que os educadores tem diante de si, jovens que vivem na ociosidade, na criminalidade. Devido a este quadro, estão em constante conflito com a lei, com os saberes escolares e consigo mesmo, mas se apresentam solidários e capazes de assumir responsabilidade com os que estão ao seu entorno, principalmente a família.

Neste exercício em compreender o educando que a escola pública recebe, mas não permite a apropriação ao conhecimento científico, devido ao processo de exclusão que ocorre todos os anos, outras e novas estratégias se configuram, como as apresentadas neste estudo. Por intermédio das letras de rap, evidenciadas, aqui, como um texto sensibilizador e motivador para aquisição da leitura, da oralidade e da escrita, provocou-se a leitura de mundo, com o objetivo de repensar a função da escola pública e da própria linguagem.

Neste sentido, vale destacar que as mudanças que se depreendem vão além da aprendizagem da estrutura da Língua. O que se vislumbra possível são as transformações que o acesso à compreensão da linguagem pode ocasionar na vida desses sujeitos. Incluídos na instituição escolar, esses jovens podem atuar de maneira diferenciada na vida econômica e social; ir ao encontro de novos caminhos, planejar ações que lhe proporcionem viver com dignidade, diferente do contexto que ora se apresenta.

Referências

BAKHTIM, M. (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. De Michel Lahud e Yara Frateschi. 9. Ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAKHTIM, M. **Estética da criação verbal**. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAUMAN, Z. (1998). **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro. Ed: Jorge Zahar.

BENTES, Anna Christina. **Linguagem: Práticas de Leituras e Escrita**. Vol. 2. São Paulo: Global, 2004.

BERGAMINI, Claudia Vanessa; FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **O RAP como voz da periferia Londrinense: abordagem de produções poética orais**. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/boitata/volume-1-2006>>. Acesso em: 17 de junho de 2010.

DAYRELL, Juarez T. **A Educação do aluno trabalhador: uma abordagem alternativa**. Educação em Revista, BH (15): p. 21-29. Junho 1992.

_____, Juarez T. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. 2ª reimpressão. Belo Horizonte. Editora; UFMG, 2001.

_____, Juarez. **A música entra em cena: o funk e o rap na socialização da juventude**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

_____, Juarez. **A escola como espaço sócio – cultural**. Disponível em <[HTTP://www.fae.ufmg.br/objuventude](http://www.fae.ufmg.br/objuventude)>. Acesso em: 15 de junho de 2010.

ELIAS, Maria V., KOCH, Ingdore G. Villaça. **Ler e Escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

GERALDI, João W. **O texto na sala de aula**. 5. ed. Cascavel: Assoeste, 1990.

GORE, Jennifer. M. Foucault e a Educação: fascinantes Desafios. In. SILVA, Tomaz

Tadeu da (Org.). **O sujeito da educação: estudos Foucaultianos**. 5. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p.09-20.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MAYER, De Marc. **Aprender e desaprender**. In: Seminário Nacional sobre Educação nas Prisões. Brasília, julho de 2006.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: Mussalim, Fernanda; Bentes, Anna Christina (Orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. V. 2. São Paulo: Cortez, 2001. P. 101 – 142.

ORLANDI, Eni, P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**.

Campinas: Pontes, 1987.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação/ Departamento da Educação de Jovens e Adultos, 2006.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação da Língua Portuguesa**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação/Departamento da Educação Básica, 2006.

PIMENTEL, Spensy. **O Livro Vermelho do Hip Hop**. S/d. Disponível em: <<http://centralhiphop.uol.com.br/site/?url=biblioteca>>. Acesso em: 12 de julho de 2010.

PINTO, Julia A. A. de Souza., BIAZZO, Cristiano G. **As relações entre rap, escola e exclusão social**. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/afroatitudeanas/volume-1-2006>>. Acesso em: 12 de junho de 2010.

ROLINDO Joicy M. R; SOUZA, Francisco E. de. **Leitura/Escrita**: um processo de construção de sentido. Revista de Educação. São Paulo, vol. XI, n.º 12, 2008, p. 69-83.

SILVA, E. T. **Conferências sobre leitura** – triologia pedagógica. 2. Ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2005.

_____. E. T. **A produção da leitura na escola**: pesquisas x propostas. 2. Ed. São Paulo: Ática: 2002.

